

Formação de professores leitores e mediadores de leitura



- ✓ **Leitura e formação**
- ✓ **O professor-mediador**
- ✓ **A formação IBS / CEDAC em Beberibe-CE e muito mais!**



“

[...] imaginar que quem não lê pode fazer ler é tão absurdo quanto pensar que alguém que não sabe nadar pode se converter em instrutor de natação. Porém é isso que estamos fazendo.

Ana Maria Machado. Texturas: sobre leitura e escritos

”

Professor Leitor

Partindo da premissa de que só se pode repassar aquilo que se tem, defendemos aqui que para que alguém possa ensinar a ler ou ajudar a despertar o gosto pela leitura, nos conceitos apresentados por Barthes (2006) e Campos (2003), deve-se, primeiramente ser ele mesmo, um leitor. Teóricos e estudiosos sobre leitura são unânimes quanto à opinião de que só pode desenvolver/incentivar a leitura aquele professor que, no decorrer de sua própria formação, desenvolveu uma boa relação com a leitura. Ao relatar resultados de pesquisas sobre leitura realizadas na Áustria e ao elencar fatores que influenciavam crianças a ler, Bamberger (1995, p. 20) apontou três características das crianças que leem bastante:

- a) têm geralmente um relacionamento muito bom com o professor, o qual, por sua vez, leitor entusiasta, procura fazer com que os alunos experimentem na leitura um prazer idêntico ao seu;
- b) frequentaram aulas de professores interessados e informados, que possuíam boa provisão de material de leitura (biblioteca nas salas de aula);
- c) foram “induzidos à leitura” por um contínuo contato com livros e métodos especiais de ensino moderno da leitura.



Segundo Michele Petit, o mediador é aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa

Isso mostra o quanto os hábitos e os interesses de leitura dos professores “contaminam” seus alunos. Tal constatação também é feita por Michele Petit (2009; 2008), ao apresentar pesquisas sobre as leituras realizadas por jovens da periferia francesa e sobre a relação deles com a escola. A autora, ao descrever o papel do mediador de leitura na formação de novos leitores, menciona que ele pode influenciar destinos, proporcionando mudanças na forma de se conceber e compreender o mundo.



Aqui no Brasil, inúmeras outras pesquisas da área apontam essa relação intrínseca, bem como defendem a melhoria do perfil leitor de um professor que tem a tarefa de formar leitores. É o que pensa, por exemplo, Lajolo, ao avaliar que, “se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor” (1988, p. 53,).

A autora ainda acrescenta: “[o] primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique a leitura” (p. 54). Ezequiel Teodoro da Silva (2012) ratifica a opinião de Lajolo.

Para ele (p. 111), a necessidade de capacitação dos nossos professores de língua portuguesa é urgente. Silva acredita ainda na importância de

se melhorar também as condições de trabalho desse profissional, que ele chama de “mediador privilegiado de leitura”, uma vez que cabe a ele “a iniciação das crianças à leitura através da alfabetização e o ensino das diferentes práticas que são necessárias às demandas da vida atual nas sociedades letradas, também chamadas de sociedades do conhecimento, da informação e/ou, ainda, midiáticas” (SILVA, 2012, p. 111).

PAUSA PARA PENSAR

Qual a sua primeira lembrança de leitura?
Qual a sensação? O que o(a) atraiu? Como foi?



Formação de Mediadores de Leitura - parceria IBS/CEDAC, Beberibe-CE, 2017

Silva tem, em diversos de seus estudos, insistido na necessidade dos professores apaixonados pelos livros, uma vez que lhes cabe a tarefa de formar para o gosto. Para o estudioso, “caso ele próprio [o professor] não seja um leitor assíduo, rigoroso e crítico, são mínimas ou nulas as chances de que possa fazer um trabalho condigno na área da educação e do ensino da leitura” (2003, p. 28).

Isso “porque nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura” (SILVA, 1986, p. 109). Ainda segundo Silva, em outra de suas obras *A produção da leitura na escola* (2004, p. 19), o professor “é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura escolar”.



Silva acredita que “sem a sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a produzir o benefício que a sociedade espera e deseja, ou seja, leitura e leitores assíduos e maduros” (idem). Isso deve tornar mais rigorosa a construção do perfil do professor, mormente o professor de língua portuguesa, uma vez que ele precisa de fato possuir, além das demais qualificações da licenciatura, o inegável hábito da leitura.

Nesse ponto da discussão, faz-se necessário que nos adiantemos às críticas. O fato de que se apela para a necessidade de o professor de leitura ser ele mesmo um leitor e modelo de leitor para seus alunos, a relevância que atribuímos a esse exemplo na construção das experiências escolares mais significativas no processo de formação leitora (GROTTA, 2001, p. 148) não significa que pretendemos que todos os pro-

fessores sejam leitores compulsivos ou mesmo leitores sofisticados e exigentes. No entanto, feita essa ressalva é preciso enfatizar a necessidade de que o licenciado em Letras e mesmo o de Pedagogia tenham domínio de sua matéria, a língua e a literatura, mostrando nessa prática o envolvimento e gosto que convença e se multiplica.

Em sua pesquisa, Ellen Cristina Baptistella Grotta (2001) mostrou a importância do papel do professor na constituição do aluno como leitor e principalmente a relevância de se ter o professor como o modelo de leitor para os alunos. Ela afirma que, para os sujeitos pesquisados, “mais do que ouvir histórias contadas pelos professores, era significativa a forma como eles [os professores] liam, a desenvoltura e o prazer que demonstravam pela leitura, quando se propunham a ler em sala de aula” (p. 148).



A leitura precisa ser um hábito do professor

PARA PENSAR

Se o professor não gostar de ler, como poderá incentivar esse hábito nos alunos?

No entanto, cabe aqui destacar: o que os professores precisam não é, exclusivamente, de reciclagem nem de treinamento apenas, mas, sobretudo, de compreensão adequada do seu papel de mediadores de leitura. Se não se conscientizarem, nenhuma capacitação, formação, treinamento, reciclagem se farão sentir.

Essa conscientização diz respeito, principalmente, à necessidade de cultivar o gosto e o hábito da leitura, condições inerentes à tarefa de ensinar a gostar de ler. Se os professores não gostam de ler como podem incentivar esse hábito?

Se não têm familiaridade com várias modalidades de texto, como promoverão a diversidade cultural da literatura? Pergunta Lajolo (1988).



Kleiman (2001, p. 15), por seu turno, lamenta a “própria formação precária de muitos profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler”.

Isso nos leva a pensar na expectativa de perfil que os cursos de licenciatura estão alimentando para os futuros professores de leitura. Parece que a dimensão estética do processo de formação dos profissionais de Letras encontra-se notoriamente em declínio, a julgar pelo que afirma Leiva de Figueiredo Viana Leal (2011, p. 263), para quem “o formador de leitor” tem uma capacitação muito fraca, não dominando “ele próprio, as competências de leitura que pretende ensinar”.



Leal acredita na necessidade de se fazer uso de tudo aquilo que já foi pesquisado na área para se repensar o ensino de leitura, pois não é possível “ensinar a ler, sem se dar conta do que é a leitura, sem se dar conta do que é ensinar a ler” (op. cit. p. 264). Isso nos leva, portanto, a refletir sobre a importância de se repensar o professor e sua formação.

É preciso saber que profissionais a Universidade está formando, para então podermos avaliar estratégias que venham a melhorar essa formação, incluindo nela recursos para capacitar o futuro professor de língua portuguesa a se

tornar um mediador de leitura literária. O que defendemos é o acesso do professor ao compartilhamento da leitura e da felicidade de ler (PENNAC, 1993, p. 80), sob o argumento de que não se pode ensinar a alguém a gostar de ler quando não se é leitor nem formador de leitores.

A ideia não é propor uma interferência completa em toda a grade formadora do licenciado em Letras, nem a substituir, mas repensá-la, tendo em vista que o professor de língua portuguesa não é apenas um técnico da língua que ensina a ler numa concepção para alfabetizar, atômica, gramatical ou fisiológica.

Cumprir pensar no futuro profissional de Letras e de Pedagogia como alguém a quem caberá a vital tarefa de formar os próximos leitores do país. Voltamos a frisar, se o professor não tem familiaridade com o universo da leitura, não terá condições de mediar o acesso a tal universo.

Isso significa que esse professor não-leitor, que não possui aptidão nem consciência da centralidade da experiência leitora na formação de um indivíduo, ver-se-á obrigado a refugiar-se em ambientes mais cômodos para ele, tais como a visão gramaticeira ou instrumental de língua. Desse modo, tal professor irá contribuir para realimentar o círculo vicioso do qual ele mesmo é vítima, fazendo surgir dezenas ou até centenas de crianças que, privadas da leitura, não se tornarão leitoras.

A relevância de se pensar na formação do formador de leitores nasce, portanto, da convicção

de que essa função tão específica e delicada envolve não apenas domínios de conteúdos e técnicas, mas, sobretudo paixão e respeito pelos livros.

É preciso levar os professores a vivenciarem o fato de que saber ler e gostar de ler é fundamental para formar leitores (MACHADO, 2001). Assim, acreditamos que, em vez de canalizar quase todos os recursos em suporte material ou priorizar a criação de programas voltados exclusivamente para alunos, é mais urgente que governos e administradores ampliem linhas de recursos destinados à formação leitora dos docentes, despertando-os para o universo literário.

Todavia, para repensar o lugar do professor de leitura é preciso, antes de qualquer coisa, delinear o perfil do profissional que exerce (ou deveria exercer) o papel de mediador entre o texto literário e o aluno.



Formação em Mediação de Leitura em Cascavel-CE, 2018

Leitura e formação

Hoje, entre as publicações especializadas na área pedagógica, multiplicam-se os livros sobre formação de professores-leitores. Percebe-se que há um esforço concentrado para se trabalhar essa questão junto ao professorado. Mas por que isso se dá, se o(a) professor(a)-leitor(a) é uma moeda de cara e coroa? Ou seja, não existe professor(a) sem leitura! Entretanto, pelos motivos já explanados no início deste fascículo, tem-se perdido realmente a conexão com o ato de ler (e) os livros, contraditoriamente colocado em segundo plano.



Antes vêm os planos de aula, os exercícios, as provas, o planejamento, não é mesmo? Nas aulas de Literatura, que seria o espaço privilegiado desse exercício, lidamos com pedaços de textos, fragmentos que pedem uma leitura rápida, dissociada do melhor que as palavras podem oferecer. E nesse campo pedregoso, afundam professores e alunos, prisioneiros de uma máquina enlouquecida pelo excesso.

Então, se ler não é apenas correr com as estrofes de um poema para resolver um exercício em uma aula, o que é realmente? Segundo Roland Barthes, ler é muito mais do que decodificar uma mensagem, isso fica para o código morse e outras linguagens cifradas. Ler, para ele, é essencialmente “escrever” o que se passa com você na hora da leitura. Ler é perceber as associações que são feitas, articulá-las, sem, no entanto, fechar a compreensão num dado seguro ou lugar único. Isso pode parecer, a princípio,

difícil de compreender, mas o que ele está tentando nos dizer é que o(a) leitor(a) é um(a) escrevente constante das suas memórias leitoras e que não existe escrita sem leitura. Para Barthes, autor, texto e leitor(a) fazem parte de uma comunidade com direitos iguais.

Outra associação feita por ele é: ler é jogar. E jogo tem regras e jogadores, não é? Pois observem como é difícil tirar uma criança de uma brincadeira. A brincadeira (o jogo) é séria para ele, naquele momento nada está acima de acertar a bola de gude no buraco ou de realizar a última seção do jogo de pedrinhas, quando se jogam todas ao alto e tem-se que recolher em única mão todas as pedras. A mesma coisa acontece no ato de ler: há um processamento mental e sensorial no contato que mantém o texto que será guardado na memória e acionado pelas articulações que o próprio mundo oferece.



Esse momento é único e pessoal, mas com repercussão para a vida inteira. Por isso, a primeira coisa a ser feita pelos professores é recuperar as suas experiências de leitura. Somente assim, ao rever a sua formação, ele poderá mediar processos coletivos de leitura. E como fazer isso? Ora, lembrando e trazendo à tona, se possível de forma escrita, as reminiscências desse encontro.

Um recorte na História...

Em 2017, parceria entre IBS e CEDAC realizou formação de Mediadores de Leitura

Em 2017, educadores, coordenadores e gestores de biblioteca dos municípios de Beberibe, Pindoretama e Cascavel/CE, participaram de oficinas de “Mediação da Leitura”, promovida por meio da parceria entre o Instituto Brasil Solidário-IBS e o CEDAC, com o objetivo de apresentar o importante papel do mediador de leitura dentro da sala de aula e quais ferramentas podem ser utilizadas para incentivar alunos e toda a comunidade escolar a se sentir instigado a imergir no universo literário.

A formação fez parte das atividades da área de incentivo à leitura, promovidas pelo Instituto Brasil Solidário - IBS, através do Programa de Desenvolvimento da Educação - PDE.

Para a professora da formação, Alda Beraldo, as atividades práticas fomentadas durante o curso constituíram-se em grandes passos para mostrar aos professores os métodos de intervenção que precisam ser sempre analisados e provocados pelos mediadores de leitura.

“

O principal foco dessa formação foi apresentar qual é o papel do mediador, a leitura é construir significado e nós como mediadores vamos buscar no aluno essa construção, pois cada pessoa terá uma percepção diferente de uma mesma obra literária, mesmo que as suas referências não se percam, mas cada grupo terá um panorama de leitura baseado em suas vivências e é muito rico esse intercâmbio de conhecimento.

Alda Beraldo, professora da Comunidade Educativa - CEDAC

”



Alda Beraldo, CEDAC

“

A Oficina nos despertou um novo olhar sobre as obras literárias e a busca do leitor que existe dentro dos nossos alunos. Debates sobre como incentivar a leitura por prazer, instigando os estudantes a terem vontade de procurar novos livros e conhecer sobre seus autores.

Xênia Cardoso, professora na escola Desembargador Pedro de Queiroz, Beberibe-CE

”

Como parte da formação, a oficina ressaltou a importância de um acervo propício às atividades escolares, com uma biblioteca diversificada, onde os professores podem ter acesso a livros para todos os públicos e faixa etária. Na escola Desembargador Pedro de Queiroz, em Beberibe, todos os livros utilizados durante a formação ficaram à disposição da biblioteca da escola, somando ao acervo em torno de 500 livros já doados pelo Instituto Brasil Solidário.



O professor-mediador

Para esclarecer o papel do mediador, é preciso inicialmente, descobrir que leitor somos, ou seja, os livros de que mais gostamos, as histórias que nos comovem ou nos inquietam, e o motivo de tais escolhas em detrimento de outras.

Tal descoberta é essencial, pois em uma roda o mediador precisa transmitir a leitura de maneira prazerosa, encantando o participante que ali está, para que dessa forma ele sinta interesse em ler o que lhe é oferecido. Faço minha as palavras de Michele Petit (2008, p. 160): “Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor”.

Partindo dessa questão, cabe ao mediador aproximar os novos leitores do texto escolhido, tendo em mente que a literatura é um território livre, no qual cada leitor vai tecer suas redes de interpretação. De acordo com Eliana Yunes (2009, p. 76): na proposta do círculo de leitura, alcançamos, por assim dizer, as segundas histórias, ou seja, um momento em que a recepção do texto não reflui a uma interioridade emotiva e de perplexidade apenas, amparada na voz do outro, mas aqui já se desdobra uma interatividade de ordem mais ampla entre o texto e diversos receptores, simultaneamente.

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

(Michele Petit (2008, p. 43).

Cada mediador tem uma maneira de trabalhar com as reações dos leitores diante de um texto, e é essa interação que proporcionará a circulação de ideias e trocas que constituem as rodas de leitura. Para tanto, deve haver entre professor e alunos uma cumplicidade para que os estudantes se sintam à vontade para expressarem suas interpretações.

Convém ressaltar também, que o professor deve demonstrar tanto na leitura quanto na discussão acerca do que foi lido, prontidão para aceitar opiniões diferentes da sua, bem como para costurar as mais variadas leituras que vão surgir, demonstrando aos alunos quão amplo é um texto literário. É importante atentar também para o fato de que na roda de leitura ninguém ensina nada a ninguém.



Formação de Mediadores de Leitura - Cascavel, 2018



A proposta com tal prática é discutir e conversar sobre literatura. Portanto, não cabe fazer cobranças com trabalhos e provas. O que está em jogo é a movimentação de ideias para formar novos leitores, demonstrando que a leitura não precisa ser de forma alguma obrigação, e nem estar retida apenas a uma disciplina escolar, visto que é uma manifestação artística. É preciso trabalhar a liberdade que a literatura pode oferecer.

Faz-se necessário que alunos e professores esqueçam por um momento as avaliações, fazer algo à espera de um resultado positivo ou negativo. Segundo Marta Morais da Costa (2007, p. 88): “para um bom trabalho de formação de leitores, objetivo da existência da literatura em sala de aula, convém multiplicar a leitura, e não as atividades”. Infelizmente, muitos docentes acreditam que se não atribuírem notas os alunos não farão a atividade. Todavia, deve-se confiar na literatura e no poder de sedução que a palavra pode alcançar. Eliana Yunes ressalva que, além de saber ouvir a palavra do outro, o professor não deve se deter em explicações por menorizadas das narrativas:

As metáforas e as imagens devem instigá-las a ativar seu imaginário para construir cenários e desenhar personagens, descobrir palavras novas e começar a construir sentido. Essa prática, intensificada pela proximidade com outras crianças, no contato com a oralidade do professor/mediador, pode ampliar muito a prontidão mental, estender as expectativas, animar a improvisação mental para o novo, elaborando a capacidade de visualização do que está ausente aos olhos

(YUNES, 2009, p.14).

Em todas as rodas de leitura que fiz, dentro e fora das escolas, pude perceber que os jovens e as crianças gostam de ler, gostam de ouvir alguém falando sobre suas leituras, porém não se pode afirmar o mesmo acerca da produção de resumos e fichas a partir de livros. Portanto, mais que uma técnica definida, o professor precisa demonstrar o quanto gosta da leitura que oferece para eles, não porque é obrigatória, não porque irá ensinar alguma coisa.

Apenas porque é boa e prazerosa. Os alunos leem pouco, isso é verdade. Mas que estímulos recebem? Eles vêm seus professores e pais lendo? Ou apenas ouvem a velha frase: “ler é bom”?



Formação em Mediação de Leitura em Cascavel-CE, 2018

Na educação infantil os professores contam histórias, leem, conversam com as crianças sobre os livros. No entanto, isso acaba quando as matérias e professores se multiplicam, a leitura só retorna como um pesadelo próximo ao vestibular.

É preciso observar que a leitura também é um aprendizado, pois cada leitor sabe o quanto custa muitas vezes, chegar ao final de um extenso romance, ou como é difícil a separação após o seu término. Portanto, os estímulos além de necessários, são motivadores, de acordo com Eliana Yunes (2009, p. 44): “a leitura não se constrói sobre o nada. Há algo que provoca o leitor, interessa-lhe, instiga-lhe um outro pensamento que lhe permite dar asas à imaginação”. Sem dúvida a preocupação com as avaliações e notas são necessárias, mas há como dosar as quantias.



É preciso fazer interpretação e produção de texto, mas será que temos que fazer da literatura um suporte para essas atividades? Não seria melhor discutir as opiniões e entrelinhas dos textos e a partir disso construir, professores e alunos, interpretações para as obras lidas?

É evidente que tal direcionamento está enquadrado nas aulas de Língua Portuguesa, mas nada impede que professores de outras disciplinas abram espaço para discutir literatura também, para promoverem rodas de leitura com temas relacionados às matérias que lecionam.

Um encaminhamento que propicia o melhor desempenho dos professores formadores de leitores consiste em intensificar a pesquisa no campo da leitura e da recepção de textos. Esse objetivo é sustentado pela crença de que não existe um bom docente em sala de aula se não o alimentar um pesquisador, isto é, se ele não for movido pela curiosidade e pela persistência em buscar descobrir o que ainda não conhece.

Marta Morais da Costa (2007, p. 113)

Torna-se evidente, portanto, que o professor precisa conhecer os novos direcionamentos para o trabalho com a leitura. Há cursos, oficinas, congressos, mas muitas vezes as soluções estão mais próximas. Por meio da internet é possível trocar ideias com outros profissionais, saber o que fazem e conhecer suas atividades. Inclusive nos sites de relacionamento que tanto ocupam o tempo de crianças e jovens, há inúmeras discussões sobre livros - Best Sellers e clássicos - em que eles participam ativamente. Até mesmo em jogos de vídeo game é possível encontrar inferências com a literatura. Cabe também perguntar aos alunos se eles estão lendo e quais os títulos. Nem sempre serão os mais recomendados, porém é uma abertura e por meio dela o professor pode indicar outras leituras sem desprezar aquelas pelas quais eles demonstram interesse.

Sob essa perspectiva, Michele Petit (2008, p. 167), ao descrever o papel do mediador na formação de novos leitores, afirma - “aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa”. Portanto, o mais importante para iniciar a prática de rodas de leitura é ter disposição para inovar, independente de métodos. Tornar-se um mediador e contribuir para a formação de novos leitores.



Parte do grupo formados em Beberibe, 2017

Nesse mundo composto por palavras, um outro mundo é reorganizado e o exercício da docência move-se pelo conhecimento e pelas experiências vividas e colhidas na e com a leitura. Para que isso se reflita no papel do(a) professor(a) como mediador(a) e formador(a) de leitores, é preciso que a cadeia significativa da educação literária (texto, escritor, leitor, leitura, escola, práticas educativas) seja efetivamente considerada.

A fim de que essa concepção fique clara, expomos alguns objetivos que precisam estar em destaque na ação pedagógica:

a) Perceber que a visão de literatura que o docente tem é a mesma que imprime às aulas;

b) Inserir os professores na sua própria vivência com os textos para que possam, através desse contato fundador, redimensionar sua prática em sala de aula;

c) Modificar uma visão superficial do texto literário e apresentar propostas de leitura que, apesar da exiguidade do tempo das aulas, não renunciem à profundidade que cerca o ato de ler;

d) Mostrar a importância de uma leitura intensa e profunda, que amplia o lugar habitual como a obra é apresentada;

e) Incentivar uma apropriação do texto literário nas suas potencialidades linguísticas, semânticas, interativas;

f) Redimensionar a posição do escritor/leitor dentro da cadeia de leitura e mostrar

a subjetividade que está envolvida nesse processo e a singularidade contextual como ativadora da escrita;

g) Colocarmo-nos no lugar da escrita e perceber as dimensões que cercam este ano. A partir dessa visão, olhar para os textos literários trabalhados em sala de aula de uma maneira mais complexa e ao mesmo tempo atenta às sensibilidades;

h) Inserir a subjetividade do(a) professor(a) como essencial à prática docente, da mesma forma como a do(a) escritor(a) é determinante no seu ofício;

i) Propiciar a interferência real no texto literário através de exercícios formadores e motivadores. Assumir o lugar de protagonista em relação às atividades e colocar os conhecimentos adquiridos numa prática leitora conjunta, em que o docente encontre seu ponto de intervenção e construção do conhecimento.

Para finalizar

No caminho traçado até aqui, foram muitas as leituras compartilhadas. Para que esse roteiro possa ser também um mapa no percurso leitor que cada um de vocês vai elaborar, vamos relacionar na Biblioteca de Referências do curso de formação, os vários livros indicados com suas referências completas.

E não se esqueçam, para que a formação realmente aconteça, deve-se sempre ter um livro na cabeça e outro na cabeceira. Para cada livro apresentado aqui, escolha um outro e assim vá montando suas estantes.

Lembre-se de que contamos com você para transformarmos o Brasil em um país de gente leitora.



Referências Bibliográficas

A formação dos professores mediadores de leitura literária: os desafios atuais. Adriana Demite STEPHANI, Profa. Dra. da Universidade Federal do Tocantins (UFT), astephani@uft.edu.br; Robson Coelho TINOCO, Prof. Dr. da Universidade de Brasília (UnB), robson@unb.br.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1995.

BARTHES, Roland. O prazer do Texto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A leitura do texto literário no 2º. Grau: ausência de prazer. In: _____. Ensinar o prazer de ler. São Paulo: Olho d'água, 2003. p. 9-38.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Marta Moraes da. Metodologia do ensino da literatura infantil. Curitiba: Ibpex, 2007.

Curso Formação de Mediadores de Leitura/vários autores; organizado por Raymundo Netto, Lidia Eugênia Cavalcante Lima; ilustrado por Rafael Limaverde. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. Formação do leitor: importância da mediação do professor. In: LEITE, Sergio A. da S. (Org.). Alfabetização e letramento: contribuições para a prática. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

GUSDORF, Georges. Professores para quê: Por uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de leitura: Teoria e Prática. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

LAJOLO, Marisa. Literatura: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto



Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 107-131.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Leitura e formação de professores. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs.). Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. 3ª. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 263-268.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. A arte de ler: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Conferências sobre leitura. Campinas: Autores Associados, 2003. 102 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. In: FAILLA, Zoara. (Org.) Retratos da leitura no Brasil 3. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. p. 107- 116.

_____. A produção da leitura na escola: pesquisas e propostas. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

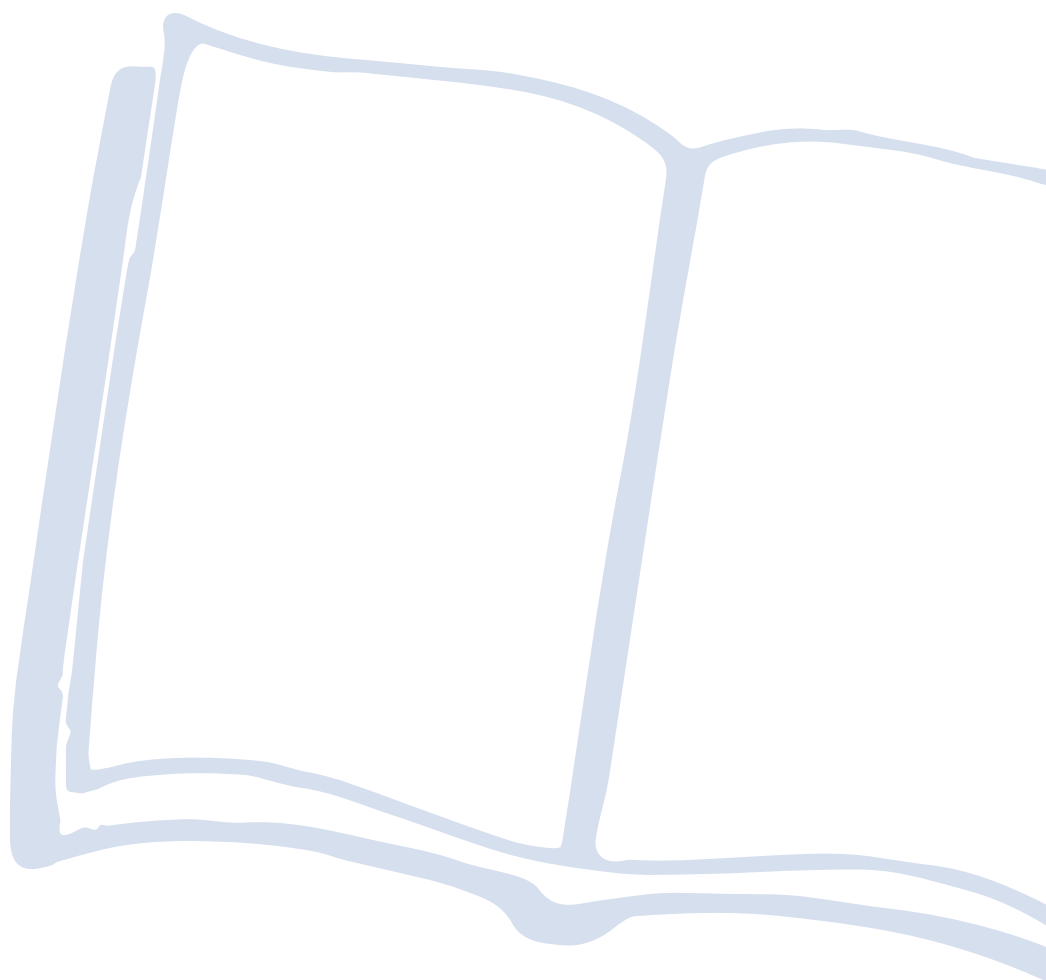
_____. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas: Papirus, 1986.

VICINI, Carla Gabriele. Professor mediador, aluno leitor. Trabalho apresentado no X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE e I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE, Curitiba, 2011.

YUNES, Eliana. Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymarará, 2009.



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br